

O SENTIDO DE CORPO NOS DISCURSOS DE DOCENTES DO ENSINO SUPERIOR

SENSE OF BODY IN HIGHER EDUCATION TEACHERS' SPEECHES

Marina Melo Cintra¹; Natália Papacídero Magrin² e Wagner Wey Moreira³

RESUMO

O objetivo do presente trabalho foi analisar o sentido de corpo/corporeidade nos discursos de docentes do ensino superior das áreas de Educação Física, Pedagogia e Ciências Biológicas. Participaram da pesquisa cinco docentes de cada área do conhecimento. A pesquisa foi realizada na Universidade de Franca – SP. Para a coleta dos dados foi utilizado um questionário contendo a pergunta “o que é corpo para você?”. A análise dos dados foi feita de acordo com a Análise de Conteúdo: Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado. Nos resultados encontramos a prevalência (26,66% dos docentes) da definição de corpo como um conjunto de órgãos e tecidos, caracterizando a presença do modelo cartesiano em seus discursos. No entanto notamos que dois sujeitos já definem o corpo como corporeidade e um ser unificado, indo de encontro às reflexões fenomenológicas aqui expostas.

PALAVRAS-CHAVE: Corporeidade. Formação Profissional. Ensino Superior.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the sense of body / corporeality in the discourse of higher education teachers in the areas of Physical Education, Education and Life Sciences. The participants were five teachers in each area of knowledge. The research was conducted at the University of Franca - SP. For data collection was used a questionnaire with the question "what is the body for you?". Data analysis was done according to the Content Analysis: Technical Design and Analysis of Meaning Units. The results found the prevalence (26.66% of teachers) of the body definition as a set of organs and tissues, characterizing the presence of the Cartesian model in his speeches. However we note that two subjects already define the body as corporeality and be unified, going against the phenomenological reflections here exposed.

KEYWORDS: Corporeality. Professional qualification. Higher education.

INTRODUÇÃO

Ao fazer um recorte na história da educação e demonstrar seus paradigmas, sendo este compreendido por Assmann (1998 *apud* BREBENS; OLIARI, 2007) como pontos mutáveis na história, relativos e seletivos, temos que, desde seu surgimento, o homem busca alternativas para adquirir novos conhecimentos e aprendizados, nesse âmbito, podemos

¹ Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. E-mail: marinamcintra@hotmail.com

² Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. E-mail: natimagrin@hotmail.com

³ Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM. E-mail: weymoreira@uol.com.br

compreender que a educação ou até mesmo a organização escolar segue (ou deveria) o desenvolvimento, ou seja, o transcorrer da sociedade vigente.

Diante disso, como vivemos em um mundo dinâmico, que está em constante transformação e (re) descobertas, se faz necessárias também ampliações de conhecimentos, principalmente ao que tange o sentido de corpo, por parte de docentes e profissionais da educação, por estes lidaram diretamente com o ensino das novas e futuras gerações. Essa reflexão necessita ser feita, principalmente com docentes que lecionam disciplinas relativas ao corpo humano, que utilizam o substantivo “corpo” como ferramenta de trabalho.

Pautamos nosso estudo nas premissas do fenomenólogo Maurice Merleau Ponty, que “direciona seus estudos baseado na ideia de que o corpo é a condição primeira do ser humano, e, portanto, é por meio dele que tomamos consciência do nosso modo de estar no mundo.” (DAOLIO, RIGONI, ROBLE, 2012, p. 181).

Com base nesses novos pesquisadores e a certeza de possuímos um corpo vivente que se expressa por meio de movimentos e sentidos, teria os professores de ensino superior essa nova visão de corpo demonstrada por autores contemporâneos? Existe diferença na concepção de corpo entre docentes dos cursos de Educação Física, Pedagogia e Ciências Biológicas? Desse modo o objetivo do presente trabalho é analisar o discurso sobre corpo/corporeidade de docentes do ensino superior da Universidade de Franca, das áreas de Educação Física, Pedagogia e Ciências Biológicas.

DO CORPO À CORPOREIDADE

Em toda história humana, vários estudiosos e pesquisadores abordaram o tema corpo, buscando compreender seu significado, suas mais variadas identidades e sua relação com a alma, desde Platão (427 a.C - 347 a.C), Aristóteles (384 a.C - 322 a.C) Descartes (1596-1650), Freud (1856-1939), até aos mais contemporâneos como Maurice Merleau Ponty (1908-1961), e vários outros nomes da fenomenologia, sempre no sentido de apresentar conceitos e um novo modo de pensar a cerca desse tema.

Apesar de já termos estudos e pensamentos sobre o corpo desde os gregos com Platão que compreendia o corpo como algo imperfeito e mortal, e a alma algo superior, que participará da eternidade, pregando há necessidade de uma educação corporal para uma maior purificação da alma (GALLO, 2006), e a concepção contemporânea de corpo, como algo unificado, completo, que não necessita de divisões para sua definição, ou seja, basta citar que

corporeidade é, (MOREIRA, SIMÕES, 2006), notamos explicitamente que a visão cartesiana é que norteia o mundo quando se fala de concepção corporal.

Descartes, pensador renascentista, e um forte proclamador do que chamamos de corpo-objeto, no qual relaciona a alma direcionada somente com o pensamento, não tendo nada a ver com o funcionamento corporal. Sua principal analogia é a do corpo com uma máquina, em que basta estudá-los até suas minúcias para descobrir onde está estragado ou onde necessidade consertar. “Para Descartes, o corpo não é capaz de mover-se, de sentir, de pensar, mas, ao contrário, o corpo é movido por alguma outra coisa, alheia a ele, pela qual é tocado. E essa outra coisa que move o corpo é a alma.” (GALLO, 2006, p.21). René Descartes defende o que podemos chamar de dualismo, corpo *versus* alma, onde o conhecimento verdadeiro é aquele produzido pela razão (alma), e o sensível (corpo) nos engana.

Apesar da hegemonia cartesiana, desde o século passado, temos vários estudos e pesquisas a cerca do sentido e trato do corpo, sejam em escolas, instituições, locais de trabalho e em todo lugar em que o ser humano esteja presente. A corporeidade nos apresenta uma nova concepção, com base na fenomenologia e do estudo da subjetividade humana, ela favorece a transcendência, aqui não encontramos mais um corpo objeto como no cartesianismo, mas sim um corpo sujeito.

Somos sujeitos no sentido de pensarmos um corpo e concomitantemente vivenciarmos ele, de compreender como um ser racional e ao mesmo tempo inconcludente. “Corporeidade é sinal de presentidade no mundo. É o sopro que virou verbo e encarnou-se. É a presença concreta da vida, fazendo história e cultura e ao mesmo tempo sendo modificada por essa história e por essa cultura.” (MOREIRA; SIMÕES, 2006, p. 74).

Merleau Ponty defende a ideia que se estamos no mundo, se desfrutamos dele, então somos retratos inacabados de todo o contato que obtemos com nós mesmos, com os outros e com o mundo “nosso contato conosco sempre se faz por meio de uma cultura, pelo menos por meio de uma linguagem que recebemos de fora e que nos orienta para o conhecimento de nós mesmos” (MERLEAU-PONTY, 2004, p.49).

Gonçalves (2008, p.13-14) nos relata que “cada corpo expressa história acumulada de uma sociedade que nela marca seus valores, suas leis, suas crenças e seus sentimentos, que estão na base da vida social” assim podemos estabelecer que para termos esse marco na história, necessitamos de uma participação corporal, cada um a seu modo, na sua maneira de viver a corporeidade. “Corporeidade é incorporar signos, símbolos, prazeres, necessidades, por meio de atos ousados ou de recuos necessários sem achar que um nega o outro. É cativar e

ser cativado por outros, pelas coisas, pelo mundo, numa relação dialógica.” (MOREIRA, SIMÕES, 2006, p.74).

Merleau-Ponty compreende o humano “a partir da realidade corporal, sou meu corpo, desta forma, o Ser, a realidade ontológica, coincide com a realidade corpórea.” (NÓBREGA, 2005, p.63)

Corporeidade não é um elemento de uma determinada área ou curso, pois ela trata de indivíduos que sentem, vivem, adoecem, transformam, estando estes aspectos presentes em todas as áreas de conhecimentos.

O CORPO NA FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Analisar a formação profissional não é uma tarefa fácil, de tal maneira que para cada área do conhecimento há uma maneira de fazê-lo, de acordo com suas bases epistemológicas. Porém quando a análise perpassa pelo sentido do corpo humano, pelo tratamento perante o corpo, temos que desmistificar versões específicas para cada área, pois o corpo, estando ele em um laboratório, uma sala de aula ou espaço esportivo será o mesmo, somente realizando tarefas distintas.

A educação, em nosso século XXI, é representada por diversas leis e artigos, sendo papel do Estado e da família propô-la a toda sociedade. Na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, o Capítulo III, Seção I, Artigos 205 a 214 tratam especificamente do direito à educação. O Artigo 205 determina que a “educação é um direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.” (BRASIL, 1998). Até se chegar nessa definição, que embora tenha sido outorgada no final do século passado, a educação sofreu várias modificações e definições, de acordo com as demandas do desenvolvimento humano.

Porém o que nos é despendido hodiernamente é uma educação preparatória somente para a qualificação do trabalho, e pouca educação visando o pleno desenvolvimento humano e cidadão, em que as crianças, logo na primeira infância, são alocadas em instituições de ensino, sofrendo estímulos muitas vezes não concernentes a sua faixa etária ou processo de desenvolvimento.

Freire (2009) demonstra uma crítica na forma de educação contemporânea, podendo caracterizá-la como desatualizada, sendo mediada por fragmentos, não ensinando as crianças,

até mesmo adolescentes e adultos a serem corpos. Podemos constatar, ao longo da história, que o corpo sempre foi alvo de disciplina e ordem, para uma educação eficiente seria e ainda é necessário o corpo (visto em sua forma física) estar sob o “controle” do professor, tendo uma educação autoritária, que ensina a repetição, não a criticidade ou pressupostos axiológicos.

No ensino superior a história não é diferente, vemos docentes com alto grau acadêmico, enraizados em modelos e teorias desadequadas para as demandas do século XXI, formando futuros profissionais também fixos em pré-modelos e despreparados para lidarem com crianças e jovens do novo século.

No cenário de formação profissional na área da educação, não podemos deixar de citar o filósofo Paulo Freire. O autor mantinha entre o marxismo e a fenomenologia sua oposição ao sistema mecanicista de ensino e a concepção do aprendiz como uma tábula rasa, sua principal abordagem é o humanismo que critica o sistema depositário de informações, para o autor o aluno deve compreender a realidade de forma crítica e autônoma. (MICHELS; VOLPATO, 2011).

Antonio Muniz de Rezende, em seu livro “Concepção fenomenológica da educação”, nos remete a utilização da fenomenologia para a educação, caracterizando a educação como uma experiência profundamente humana, sendo ela também aprendizagem da cultura e não do conhecimento, pois a cultura está sempre em construção, como em sua escrita, “a aprendizagem cultural não será a de uma cultura feita, mas se fazendo, e a consciência cultural será simultaneamente uma consciência histórica, teórica e prática.” (REZENDE, 1990, p.62). Com referência às obras de Merleau-Ponty, Rezende se apropria dos sentidos e do trabalho para sinalizar a cultura, sendo esta a educação, “é pelo trabalho, pela práxis, que o homem gera cultura. Como é também verdade que o homem se faz, se transforma, no trabalho, na cultura, na história.” (REZENDE, 1990, p.63).

Perfazemos desse modo, a necessidade de uma redescoberta perante as instituições de ensino superior do fenômeno corpo e suas vertentes, Libâneo, (2006, p. 844) destaca, “a formação inicial e continuada requer dos professores uma teoria capaz de fazê-los compreender sua prática e revitalizá-la, [...] nos quais se tornam habilitados a ajudar os alunos em suas aprendizagens” neste âmbito de revitalização de aprendizagens, os docentes necessitam não apenas de uma formação continuada a cerca de seus conteúdos ou disciplinas, mas também de superação conceitual sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo. A educação no ensino superior, principalmente aquelas que relatam o corpo, necessitam se

pautar em “uma educação preocupada com a vida, com o próprio corpo e com o corpo do outro, configurando possibilidades de novas formas de ser, de viver, de movimentar-se”. (MENDES; NÓBREGA, 2004, p. 230).

METODOLOGIA

Para a concretização desta pesquisa, utilizamos o método descritivo com abordagem qualitativa, feita de modo transversal.

A pesquisa foi realizada na Universidade de Franca – UNIFRAN, situada na cidade de Franca interior de São Paulo. Os sujeitos da pesquisa foram professores dos cursos de Educação Física, Pedagogia e Ciências Biológicas da Universidade de Franca. A escolha dos cursos foi feita de modo que a corporeidade fosse abordada por áreas que de alguma forma tentam compreender o fenômeno corpo, porém, de maneiras distintas, como a Educação Física que exerce o corpo/corporeidade de uma forma mais técnica, buscando o seu melhor rendimento nas atividades diárias, a Pedagogia que busca a educação básica do indivíduo, mediando informações sociais, intelectuais, biológicas e comportamentais, e por último a Biologia que está inserida mais na área da saúde, buscando desvendar todos os paradigmas que ocorrem internamente no corpo humano, sejam eles físicos ou psicológicos.

O número de sujeitos foi de cinco professores de cada curso, sendo selecionados os professores que atuam especificamente em disciplinas do curso proposto, para que a análise da concepção de corpo fosse feita com os professores de sua própria área de conhecimento.

Para a coleta dos dados foi utilizado uma pergunta geradora, sendo: “O que é corpo para você?”, para tal, foi distribuído um questionário contendo a pergunta e o devido lugar para sua resposta. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e esta pesquisa foi aprovada e seguiu os princípios éticos do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Triângulo Mineiro – UFTM, conforme a Resolução 196/96 - Parecer nº 2648. Todos os entrevistados tiveram o tempo que necessitaram para responder a pergunta, sendo pedido que escrevessem o maior número de detalhes possíveis.

A análise dos dados foi feita de acordo com a Análise de Conteúdo: Técnica de Elaboração e Análise de Unidades de Significado proposta por Moreira, Simões e Porto (2005).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisarmos os dados do questionário, construímos a seguinte tabela (tabela 1) para uma melhor visualização dos dados obtidos:

Tabela 1. - Respostas da pergunta geradora 1. “O que é corpo para você?”, traduzida em forma de unidades de significados.

| Sujeitos | Educação Física | | | | | Pedagogia | | | | | Ciências Biológicas | | | | | Total | % | |
|------------------------------|-----------------|---|---|---|---|-----------|---|---|---|----|---------------------|----|----|----|----|-------|---|-------|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | | | |
| Unid.de Significados | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Conjunto de órgãos e tecidos | X | | | | | | | | X | | | X | | | X | | 4 | 26,66 |
| Estrutura externa | | | | | | | | X | | | | | X | | X | | 3 | 20 |
| Universo biológico | | X | | | X | | | | | | | | | | | | 2 | 13,33 |
| Universo espiritual | | X | | | | | | X | | | | | | | | | 2 | 13,33 |
| Máquina biológica | | | | X | | | | | | | | X | | | | | 2 | 13,33 |
| Forma de expressão e viver | | | | | | | X | | | X | | | | | | | 2 | 13,33 |
| Porção limitada da matéria | | | | | | | | | X | | | | | X | | | 2 | 13,33 |
| Corporeidade | | | X | | | | | | | | | | | | | | 1 | 6,66 |
| Ser saudável | | | | | | X | | | | | | | | | | | 1 | 6,66 |
| Objeto | | | | | | | | | | X | | | | | | | 1 | 6,66 |
| Somos uma unidade | | | | | | | | | | | X | | | | | | 1 | 6,66 |

Fonte: Dos autores (2016)

Observando a tabela, podemos notar que as unidades de significados foram alocadas em ordem decrescente, iniciando com as unidades mais encontradas nos discursos dos professores. Assim, 26,66 % dos sujeitos da pesquisa, denotando 4 docentes, compreendem o corpo como um conjunto de órgãos e tecidos, como o relato do sujeito 12 no qual diz que corpo” é um conjunto de massas, que forma um sistema com múltiplas funções, mecânicas, físicas e bioquímicas ou seja é uma máquina biológica complexa.”.

Com relato de 3 sujeitos, temos que 20% dos docentes, compreendem o corpo como apenas uma estrutura externa, “na biologia o termo pode ser utilizado para descrever a estrutura externa de um animal.” como descreveu sujeito 13. Das outras unidades de significados obtidas as que nos chamaram mais atenção foram a da concepção de “máquina biológica” em que dois sujeitos, 13,33% do total, citaram em seus discursos. Outra unidade representativa foi a que somos “um objeto”, relato do sujeito 10, “o corpo é objeto que ocupa lugar no espaço, serve de referência e como expressão.”.

Devemos destacar também o discurso a cerca da corporeidade, relato do sujeito 3 do curso de Educação Física, “o conceito de corporeidade implica numa visão integral do ser humano em que as atividades físicas não se reduzem a dimensão biofísica, mas expressam o homem todo como um ser bio-psico-socio-cultural-existencial.” Nessa mesma vertente o sujeito 11 do curso de Ciências Biológicas detalha o corpo ser uma “unidade”, “nosso corpo somos nós. Não há eu e o meu corpo. Somos um. O corpo é nossa forma de viver. Nossa forma de expressão.”

Notamos após toda análise, discursos heterogêneos no conceito de corpo dos docentes de ensino superior, não explicitando diferença entre áreas do conhecimento.

Houve a prevalência do conceito de corpo como sendo um conjunto de órgãos e tecidos (sujeitos 1,9,12 e 15), não ficando nenhum curso fora dessa concepção, prevalecendo o paradigma tradicionalista-cartesiano, nos quais não interpretam o corpo como um ser integral e unificado, mas sim como um conjunto de matéria, que pode ser tocada, manuseada, como um objeto, “para Descartes, o ser humano é composto por duas substâncias distintas: o corpo, uma substância ou coisa externa, de natureza material, e a alma, uma substância ou coisa pensante.” (GALLO, 2006, p.20).

Nessa diversificação do sentido corporal, o sujeito 11 que pertence ao curso de Ciências Biológicas nos demonstra um sentido corporal mais abrangente e contemporâneo, quando cita que “o corpo somos nós, somos um, utilizado para expressar e viver.” Todavia

6,66% dos docentes que corresponde a 1 docente do curso de Educação Física, define o corpo como corporeidade, alocando-nos uma esperança de transfiguração do sentido corporal posto por estudiosos e filósofos contemporâneos. A corporeidade ou até mesmo corpo ativo demonstra o ser humano que transcende sua essência. Que nós *homo sapiens* tratamos de seres permeados por uma cultura, que ao mesmo tempo sente, movimenta, pensa, no intuito de contemplar a vida, assim cada pessoa vive a própria corporeidade “corporeidade é voltar a viver novamente a vida, na perspectiva de um ser unitário e não dual, num mundo de valores existenciais e não apenas racionais, ou, quando muito, simbólicos”. (MOREIRA; SIMÕES, 2006, p. 73).

CONCLUSÃO

Podemos concluir a partir dos resultados e discussões do nosso trabalho, a prevalência da teoria cartesiana (corpo *versus* alma) nos relatos dos docentes do ensino superior da Universidade de Franca. Não encontramos divergências nas concepções por área de atuação.

Apesar de sermos um corpo, utilizarmos ele a todo o momento para expressar, trabalhar, viver, quando somos questionados sobre o que ele é, sentimos grande dificuldade para defini-lo, pois durante toda a vida, nas aulas de Ciências mais tardar Biologia, estudamos o corpo somente em sua forma fragmentada, aprendendo as utilidades de cada membro, cada órgão. Não nos convidam a olhar o todo, a enxergar para além do que a matéria nos mostra.

Mesmo obtendo a prevalência do cartesianismo em nossas conclusões, vale ressaltar que dois docentes buscaram expressar os ideais da corporeidade. Um citando especificamente o termo corporeidade e o outro definiu o corpo como algo unificado, sendo o conjunto de toda história e cultura. Criamos assim, uma esperança de transcendência e superação por parte destes professores, há a necessidade de maiores pesquisas para verificar o tratamento do corpo do aluno, pois não basta você saber definir contemporaneamente o sentido de corpo, porque a corporeidade necessita ser vivida, significada.

Assim, vemos a necessidade de uma maior ampliação de conhecimentos a cerca do corpo, por parte dos docentes dos cursos de Educação Física, Pedagogia e Ciências Biológicas, para superarmos o cartesianismo e mediarmos conhecimentos contemplando no aluno toda sua existência. Ao abrirmos os olhos para além da matéria que nos é exposta, nossas aulas automaticamente serão modificadas, pois não nos contentaremos somente com

corpos sentados, corpos regrados, corpos massificados, buscaremos novas alternativas de resgatar nos alunos e também nas pessoas de nosso convívio todo seu eu, todo seu ser que (re) significada a todo instante.

É a isso que a corporeidade nos convida, a olhar o eu, o outro e o mundo, na busca de superação, transcendência, acreditando sermos seres unificados e não dicotomizado como pensava vários estudiosos há décadas atrás. Não basta definir ou conceituar o corpo, ele nos chama a vivê-lo, senti-lo, superá-lo. “Corporeidade somos nós na íntima relação com o mundo, pois um sem o outro é inconcebível.” (MOREIRA; SIMÕES, 2006, p.75).

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20/12/96. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília: Presidência da República. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2015.

BREBENS, M. A.; OLIARI, A. L. T. A evolução dos paradigmas na educação: do pensamento científico tradicional a complexidade, **Diálogo Educacional**. Curitiba, v. 7, n. 22, p. 53-66, set./dez. 2007.

DAOLIO, J; RIGONI, A. C. C.; ROBLE, O. J. Corporeidade: o legado de Marcel Mauss e Maurice Merleau-Ponty. **Pro-Posições**. Campinas, v. 23, n. 3, p.8, dez. 2012.

FREIRE, J. B. Por uma educação de corpo inteiro. In: HERMIDA, J. F. (Org.). **Educação Física: conhecimento e saber escolar**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2009.

GALLO, S. Corpo ativo e a filosofia, In: Moreira, W. W. (org.) **Século XXI: a era do corpo ativo**. Campinas: Papirus, 2006, p. 9-30.

GONÇALVES, M. A. S. **Sentir, Pensar e Agir: Corporeidade e Educação**. Campinas, SP: Papirus, 11ª ed., 2008.

LIBANEO, José Carlos. Diretrizes curriculares da pedagogia: imprecisões teóricas e concepção estreita da formação profissional de educadores. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 27, n. 96, p. 843-876, 2006.

MENDES, M. I. B. de S; NÓBREGA, T. P. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação**. v.27, p.125-137, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas-1948**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MICHELS, L. B.; VOLPATO, G. Marxismo e fenomenologia nos pensamentos de Paulo Freire. **Filosofia e Educação (Online)**. Revista Digital do Paideia, v.3, n.1, p.122-134, 2011.

MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R. Educação Física, corporeidade e motricidade: criação de hábitos para a educação e para a pesquisa, In: DE MARCO, A. (Org.) **Educação Física: cultura e sociedade**. Campinas: Papyrus, p.71, 2006.

MOREIRA, W.W.; SIMÕES, R.; PORTO, E. Análise de conteúdo: técnica de elaboração e análise de unidades de significado. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. 2005; 13(4): 107-114.

NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e Educação Física do corpo-objeto ao corpo-sujeito**. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2005.

REZENDE, A. M. de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1990.

RECEBIDO EM: 21/03/2016

APROVADO PARA PUBLICAÇÃO EM: 29/11/2016